



# Deslumbrada Aparição

Ana Carina Santos

Jornalista. Mestranda em Literatura Brasileira na  
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

*“E você continua aqui, deslumbrada aparição”*

Do amigo e crítico Lêdo Ivo, em carta à Clarice  
no período em que ela esteve em Belém.

No fim da Segunda Guerra Mundial, 1944, o Pará, como qualquer outro lugar do planeta, sentia os reflexos do conflito. Nos jornais, as manchetes eram voltadas para os avanços aliados, vitórias e batalhas, tão distantes. As notícias “aliadas” eram mescladas a um perfil geral do que era a vida na capital paraense: crise na Pára Elétrica, telefones mudos por uma semana, acidentes de bondes, mordidas de macacos, papagaios que atormentam a vizinhança, paraenses salvos pela penicilina e a tentativa de reerguer a produção da borracha com convocações patrióticas aos “soldados” que enfrentariam os seringais ao lado das queixas de problemas e misérias que afligiam os que atendiam ao chamado.

Em 1944, havia miséria e dificuldades em Belém, mas também havia *glamour*, importado de Hollywood nos anúncios das matinés dos cines

Moderno e Olímpia, nas canetas "Parker" a venda nas livrarias Globo, e também havia *glamour* intelectual - ainda que restrito - num grupo de jovens escritores e literatos, reunidos todas as manhãs e tardes no terraço no Hotel Central - ali, na última mesa à esquerda de quem entrava. Tomavam café, comiam torradas, em moldes também importados da França, e discutiam literatura universal e brasileira, filosofia e "coisas do espírito". Questionavam o que vinha sendo feito das letras no país e, porque não, se divertiam.

Neste grupo, uma figura chama a atenção (podemos aproximar nossa câmera num zoom?) Uma mulher, a única do grupo, branca, com uma beleza exótica. Provavelmente não é do Pará - havia tantos estrangeiros circulando em nossas ruas, nada muito estranho de se ver. Um olhar atento e percebemos que ela também se entretém e interfere na conversa, fala com voz estrangeira e "erres carregados". Ao seu lado, um homem, magro, bigodinho ralo, trajado com elegância e formalidade. Segura sua mão e pouco fala. Provavelmente seu marido - mulheres solteiras não ficam em mesas de terraços, cercadas de rapazes, em 1944.

O garçom hipotético informa quem é o casal: Sr. e Sra. Gurgel Valente. Ele, representante do Itamaraty em Belém, está na cidade para receber qualquer norte-americano que nos visite, coisa freqüente dada a nossa boa localização nos mapas estratégicos. Ela, o garçom diz que é sua esposa e que, às vezes, ao sair do trabalho nos fins de tarde, a vê sentada na sacada do quarto 206 do hotel, com uma máquina de escrever no colo e um cigarro entre os dedos. "Talvez seja escritora. Afinal, está na mesa dos escritores", supõe nosso garçom.

Deixando o passado, descobrimos que a mulher "estrangeira" não era apenas a esposa do diplomata e nem era tão estrangeira assim. No livro de registros do Hotel Central, o nome assinado é de Clarice Lispector Valente, jornalista (uma das primeiras nas redações brasileiras) e, nas tardes em que era vista na sacada do hotel, estava realmente escrevendo. Em Belém começa a escrever o romance *O Lustre*, fato confirmado pelo filósofo e crítico literário Benedito Nunes e pelo arquiteto e amigo de Clarice, Flávio Macedo, a quem Clarice contaria mais tarde que Belém era uma cidade com imagem muito viva em sua memória, onde começara a escrever o segundo romance, e por ter sido sua última parada antes da Europa, a porta de saída do Brasil. A escritora também confirmaria que foi *O Lustre* o livro iniciado em Belém em entrevista para o jornal "O Liberal", quando de sua segunda visita à cidade, em 1975.

Clarice tinha 26 anos e acabara de lançar seu primeiro romance: *Perto do Coração Selvagem*, o livro escrito aos 17 ou 19 anos (datas nunca são precisas para ela), sacude o meio literário brasileiro até então preso ao naturalismo linear e regionalista - com honrosas exceções, como Osman Lins. As críticas chegam e a escritora, exilada da vida agitada dos centros onde o burburinho intelectual acontecia, mescla marasmo, satisfação e decepção. Naquele

tempo, como hoje, havia os que amavam e os que odiavam seu trabalho. E muito mais, os que não a compreendiam.

Deve, portanto, ter sido uma agradável surpresa para Clarice Lispector encontrar no terraço do hotel, onde ficou hospedada entre fevereiro e julho de 1944, o grupo de jovens literatos. E mais surpreendente ainda constatar suas afinidades de pensamentos sobre a arte e as letras. Na mesa da ala esquerda do terraço, estavam sempre Ruy Barata, Cleo Bernardo, Dalcídio Jurandir, Machado Coelho (estes dois, esporadicamente), Mário Couto e Francisco Paulo Mendes, que se tornou o seu "principal interlocutor em Belém", segundo a biógrafa mineira Nádia Gotlib. Na verdade, Mendes foi algo mais que um interlocutor. Clarice e Francisco Paulo Mendes, na época com 33 anos, se tornaram grandes amigos.

No período em que ficou em Belém, Clarice era apenas a "esposa do diplomata". Os jornais da época não fazem referência a sua passagem; citam em algumas pequenas notas a presença do marido consul e sua senhora. Ela tornava-se escritora quando se reunia na mesa do terraço, sempre acompanhada pelo marido. Francisco Paulo Mendes lembra de sua aproximação, chegando de braços dados com o marido e se apresentando. Segundo ele, o principal motivo que fez com que a escritora se aproximasse foi "aquilo que nós pensávamos da literatura, que divergia da maioria, divergia da literatura oficial".

\* Depois que partiu de Belém, Clarice Lispector manteve uma relação de amizade epistolar com Paulo Mendes. Escreviam-se, ela mandava-lhe todos os livros que conseguia publicar, com dedicatórias carinhosas. Chamava-o de "Chico, meu querido Chico" e queixava-se sempre dos "sumiços" do professor de literatura, que demorava a responder-lhe.

Em dois momentos, na sua obra, refere-se ao amigo Chico Mendes: em *A Descoberta do Mundo*, compilação das crônicas que publicou no Jornal do Brasil de 1967 a 1973; e em *Um Sopro de Vida - Pulsões*, livro póstumo organizado pela amiga Olga Borelli.

Em *A descoberta...*, é na crônica do dia 1º de abril de 1972, "A minha próxima e excitante viagem pelo mundo", que Clarice lembra de Belém e dos amigos Francisco Paulo Mendes e Benedito Nunes, ao descrever com bom humor uma fabulosa viagem pelo mundo e dizer que daria "um pulo" em Belém para rever os amigos na volta e arremata "Qual o endereço deles? Por favor me escrevam". Curioso é que, em 1972, apesar de já terem se encontrado em duas ou três ocasiões sociais relâmpago, Clarice Lispector e Benedito Nunes não tinham laços de amizade, relação que só se tornaria próxima por ocasião da visita de Clarice a Belém, três anos depois.

A própria escritora admite isso quando narra em *De Corpo Inteiro*, na introdução à entrevista de Benedito, seu encontro de "dois segundos" com Nunes no casamento de Ellane Zagury e explica que só quando veio a Belém é que os dois "gostaram um do outro".

No livro *Um Sopro de Vida*, Clarice lembra novamente o amigo paraense Chico Mendes e o tom

de lamento irônico pela distância mais uma vez revela a queixa pelo "sumiço" do professor. Diz: "Pessoas desaparecidas. Onde estão? Quando alguém souber delas telefone para a Rádio Tupi. Cadê o desaparecido Francisco Paulo Mendes? Morreu? Me abandonou, achou que eu era muito importante...". O professor, porém, nem cogita a possibilidade do afastamento ou "abandono": "Posso dizer, de certa maneira, que ela era uma pessoa que nunca se ausentou de mim".

Clarice e Chico Mendes



## A Visita

Após deixar Belém, Clarice mora por cerca de 20 anos fora do Brasil. Itália, Suécia, Estados Unidos, e viveu uma enorme saudade do país adotado como seu (nasceu na Ucrânia, mas foi criada no Brasil). Volta nos anos 60, divorciada, e fixa residência no Rio de Janeiro. Neste período trabalha como jornalista e dedica sua vida à literatura, até alcançar o auge de sua carreira na década de 70, quando as dificuldades em conseguir editores dispostos a publicar seus livros se foram. Toma-se ícone da literatura nacional e sua figura inspira fascínio, curiosidade e, às vezes, antipatia graças aos seus arroubos de timidez, quase fobia por pessoas desconhecidas. Clarice sente-se desconfortável no papel de "pop-star", figura pública.

Sua vida transcorre sem acontecimentos extraordinários, mas com alguns traumas, como o acidente que lhe deforma a mão esquerda e o rosto com graves queimaduras. Em 1973 é demitida do *Jornal do Brasil*, por ser "judia e russa" e o que por um lado tinha tons de tragédia financeira, transforma-se num alívio para a artista que se sentia torturada com a obrigação de escrever semanalmente crônicas

ou qualquer outra coisa não tão definida para preencher espaços das colunas no jornal.

Também nos anos 70 chega o câncer, que consumiria sua vida até 1977. Clarice já assumia, neste período, seu lado místico, de quem acreditava ou pelo menos tinha curiosidade pelos conceitos esotéricos. Ou se divertia com essa idéia.

Talvez por já se saber doente, talvez para tentar resgatar de alguma forma uma fase de sua vida, Clarice escreve, em 1975 para o professor Francisco

Paulo Mendes dizendo que gostaria de visitar Belém, rever os amigos e pede que ele consiga um meio (infelizmente a carta não foi localizada). Mendes procura o amigo Clóvis Malcher, reitor da Universidade Federal do Pará, que prontamente resolve o assunto: a Universidade traz a escritora para Belém no período de 7 a 11 de abril de 1975 para um ciclo de palestras e encontros com professores e estudantes da Universidade e público geral.

Clarice desembarca do voo 450 da Transbrasil, no aeroporto internacional de Val de Cans, dia 7 às 23h e encontra uma comitiva formada por estudantes e professores da UFPA e velhos amigos. Dirige-se de imediato a Mendes e o cumprimenta com um "Eu vim por sua causa", um enorme abraço e um sorriso aberto e satisfeito – ao ver a foto do reencontro, a professora e escritora Bella Jozef, amiga de Clarice, diria que foram raros os momentos em que a viu rindo com tanta felicidade.

Depois segue para o Hotel Grão Pará, apartamento 1102, onde não dormiu muito bem. Na manhã seguinte, quando os então estudantes Elanir (Lana) Gomes da Silva e Flávio Macedo, que ciceronearam a escritora em Belém, vão buscá-la no Hotel, Clarice pede que lhe arranjem uma receita médica (havia esquecido a sua no Rio de Janeiro e o remédio tinha venda controlada pela Polícia Federal) para que possa tomar um antidepressivo, Vagotonil, e dormir bem. Flávio recorre a um médico amigo, vai à Polícia Federal em busca da autorização e compra duas caixas do medicamento na farmácia Beirão do Ver-o-Peso.

Enquanto isso, Clarice pede que Lana a leve para visitar as igrejas de Belém, pois quer pedir "uma graça". "Eu não perguntei qual era a graça, mas lembro que me espantei e perguntei a ela sobre isso. Se ela era judia, porque as igrejas?", conta Lana. "Ela disse que sim, mas gostava de igrejas e dessas coisas místicas".

Lana leva Clarice para visitar as igrejas da Sé, Santo Alexandre, Mercês e Basílica, onde uma cena se repete: Clarice entra, comenta qualquer coisa sobre a beleza da igreja, ajoelha-se e fica em silêncio minutos eternos, com olhar distante. Mais tarde, o almoço na casa da própria Lana, com cardápio regional do tipo maniçoba-caranguejo-tucupi-e-vatapá. Depois toma banho, troca de roupa e por lá fica durante toda a tarde conversando trivialidades com Lana e Flávio. "Lembro que entreguei o remédio para ela e perguntei: 'Você não vai tomar?' Ela disse que faria mais tarde e que estava se sentindo bem". O curioso é que Clarice deve ter se "sentido bem" durante toda a sua estada de uma semana, pois sequer abriu a embalagem das caixas de remédio até ir embora.

A semana em que fica em Belém é agitada e agradável, entre visitas aos velhos amigos e ao Ver-o-Peso, onde compra galinhas e galos de cerâmica de barro. Apesar de não gostar de falar em público, Clarice faz uma grande conferência, dia 10 de abril, no auditório do Idesp (o órgão não tem nenhum registro do evento em seus livros), quando se assustou com o

número de pessoas, pede que os amigos fiquem na primeira fila e lê com dificuldade a conferência (já pronta) sobre modernismo que fazia em todo lugar que ia. Também teve um curioso encontro com estudantes e professores dentro da Universidade Federal. Foi durante a tarde que antecedeu a palestra do Idesp, acabou acontecendo nos corredores do Centro de Letras, porque o funcionário com as chaves das salas havia faltado.

O momento mais marcante da passagem de Clarice por Belém, porém, é sem dúvida, o jantar oferecido por Benedito e Maria Sílvia Nunes. Ocasão rara para a escritora, que não suportava reuniões do gênero, nem tão pouco ser o centro das atenções ou "homenageada" por esse tipo de reunião informal. Um grupo de poucas pessoas - Max Martins, Rui Barata, Cleo Bernardo, Francisco Paulo Mendes, Elanir Gomes, além do casal de anfitriões, esperaram por Clarice para um jantar após a palestra do Idesp. Clarice chegou tarde na casa de Benedito, depois de dar voltas e voltas pela cidade. Lana Gomes, que dirigia o carro, conta que estava "fugindo", tentando despistar algum carro que as seguia para descobrir onde seria a reunião. O poeta Max Martins lembra da noite clara, com uma grande lua, e da chegada de Clarice "talvez com um vestido azul com bolas brancas", e principalmente lembra de Rui Barata entretendo a escritora numa conversa animada, contando histórias de "visagem". "Eu percebi que ele estava chutando,

Clarice e o marido, Gurgel Valente, em 1944



inventando muita coisa", lembra divertido. "Naquela época ela estava muito envolvida com as coisas de misticismo, inclusive iria para um congresso de bruxas depois da passagem por Belém".

O congresso, do qual tanto Max Martins quanto Lana Gomes lembraram de ouvir Clarice comentar, aconteceria em Bogotá, ainda naquele ano. Clarice foi convidada a participar, principalmente por conta de seu livro *Água-Viva*, que os esotéricos acreditavam ser fruto de alguma experiência metafísica da escritora. Inácio Loyola Brandão teve seu primeiro encontro com Clarice Lispector num hall de hotel durante este congresso. O episódio aguçou a curiosidade do escritor sobre a figura de Lispector, que faria sua participação no congresso apenas lendo um conto.

O texto escolhido foi o mais complexo: *O Ovo e a Galinha*. Clarice dizia não entendê-lo, classificava-o como seu maior mistério. Clarice leu o texto, em português, para uma platéia de língua hispânica que, segundo Brandão, não acompanhava mais que cinco ou dez minutos de cada palestra. Durante a leitura de Clarice, o salão ficou cheio, ninguém abandonou a sala antes do fim e, ao final, Clarice foi ovacionada. "Aquela voz estranha, gutural, aquele rosto queimado, uma expressão dramática. Ela leu o texto para pessoas que provavelmente não entendiam português. Sem dúvida, era uma pessoa com uma sensibilidade fora do comum", atesta Brandão. Há "lendas" que dão conta de que Clarice Lispector não saiu mais do quarto do hotel em Bogotá até retornar ao Rio de Janeiro.

Dois anos depois, na véspera de seu aniversário, dia 9 de dezembro de 1977, Clarice Lispector morre. Em Belém, Flávio Macedo almoçava com Lana Gomes, quando um retrato da escritora que estava na parede caiu e espatifou-se no chão. Poucos minutos depois, a televisão anuncia a morte da escritora. Benedito Nunes, escuta a notícia em São Paulo, a caminho de Belém e quando chega em casa recebe o livro recém publicado *A Hora da Estrela*, enviado pela própria Clarice em setembro do mesmo ano. A dedicatória "A Benedito e Maria Sílvia, com saudade". A enfeitiçada partiu, deixou a saudade, as obras vivas e a única certeza a seu respeito: o que realmente importava era ser. Mesmo.